

A Virgem Peregrina de Fátima (1947-...):
um dos mais importantes legados de Fátima
ao Cristianismo Contemporâneo
Marco Daniel Duarte

À distância de quase 100 anos, se outro legado não fosse perceptível – e tantos outros poderiam aqui ser evocados – o historiador concluirá que Fátima legou à história contemporânea uma nova forma de figurar a Virgem Maria, essa mulher que há pouco tempo uma revista de extensão mundial considerava a «mulher mais poderosa do mundo», palavras que fazem ecoar essa pergunta tão longínqua, há tantos séculos escrita de forma poética:

«Quem é essa que desponta como a aurora,
bela como a Lua,
fulgurante como o Sol,
terrível como as coisas grandiosas?» (Cântico dos Cânticos 6, 10).

De facto, a partir de Fátima, a Virgem Maria veste-se de forma diferente, toda de branco. Assim aconteceu desde 1920, data em que pela primeira vez se estabelece a figuração da Mãe de Deus que três crianças dizem terem visto na Cova da Iria. No rigor das datas e dos conceitos, a primeira imagem peregrina de Fátima é a própria escultura da Capelinha das Aparições que, em 1942, peregrina a Lisboa. Cedo se percebe que esta valiosa escultura não pode sair do seu Santuário; mas cedo se percebe que a Virgem de Fátima não pode deixar de ser peregrina. Constrói-se, assim, uma outra imagem, feita pelas mesmas mãos que esculpiram a vera-efígie da Senhora de Fátima e que virá a ter o epíteto de “Imagem Peregrina”, porquanto este qualificativo será a sua principal característica.

Feita a partir das orientações da vidente Lúcia de Jesus (1907-2005) para se tentar alcançar a mais correta fisionomia da Mãe de Deus, a escultura beneficia já da crítica que era feita às representações anteriores da Virgem de Fátima, do que dá testemunho a carta que Lúcia dirige a D. José Alves Correia da Silva, escrita em Tui, na Galiza, nos inícios de dezembro de 1937:

«Nas estampas de Nossa Senhora que tenho visto, pairesse ter dois mantos; pairesse-me que se eu soubesse pintar, ainda que não seria capaz de pinta-la como Ela é, porque sei que isso é impossível, assim como impossível me é dizer-lo ou descreve-lo, no intanto para fazer a pintura o mais parcida possível poria somente uma tunica o mais simples e branca possível e o manto caindo desde a

cabeça até ao fundo da tunica, e como não poderia pintar a luz e a beleza que a adornava, suprimia todos os enfeites á excessão d'um fiinho dourado à volta do manto. Este sobresaia como se fosse um raio de sol brilhando mais intensamente. A comparação fica muito aquém da realidade, mas é o melhor que me sei explicar»¹.

As cores e as formas da Virgem Peregrina foram efetivamente traçadas de acordo com esta preocupação de Lúcia. A nova iconografia destinada a peregrinar prescindiu da romeira, das sandálias, do bordão e do chapéu e nada mais integrou nas suas mãos que o rosário, o mais claro atributo iconográfico da Senhora do Rosário de Fátima. Juntou-se lhe, ainda, um fio rematado por uma esfera que a cronística da época interpreta como símbolo do mundo.

José Ferreira Thedim não faz agora uma escultura quieta, que espera a veneração dos fiéis, mas antes uma peça artística que claramente assume a identificação de Virgem Viandante. Mais do que a Virgem Hodiguítia, a que mostra o caminho, ela torna-se na Virgem que faz o caminho, a Virgem cuja rota é em direção inversa à dos seus peregrinos: parte do santuário ao encontro dos fiéis [hoje diríamos: parte do Santuário para os terrenos das periferias].

E assim foi: no dia 13 de maio de 1947, com esta escultura, abre-se na história do Santuário de Fátima uma outra lógica em torno da palavra “peregrinação”, que interpreta o caminho não apenas como caminho físico, tomando-o como metáfora do caminho espiritual que em Fátima é também tema teológico estreitamente ligado ao núcleo de conteúdos que Lúcia fixou nos seus escritos: o Coração Imaculado de Maria é refúgio e caminho para Deus. Nesta senda, como se verá, a Virgem Peregrina foi tomada como estratégia clara para a difusão não só da história de Fátima, mas também dos valores intrínsecos a ela associados, nomeadamente como a «Senhora das pombas mansas», a Senhora da Paz.

Em menos de uma década, num contexto geopolítico muito delicado, a escultura da Virgem Peregrina tinha já chegado a todos os continentes. Com efeito, passavam apenas oito anos sobre 1947 e a imagem já havia encontrado os seus peregrinos a uma escala verdadeiramente universal, cumprindo o que Maria Teresa Pereira da Cunha antecipava: «Nossa Senhora iria [...] percorrer o mundo», a sua «Imagem ouviria rezar em todas as línguas».

Se a primeira viagem apenas se realiza em solo europeu, é logo na segunda viagem que a escultura chega ao continente africano. Na viagem seguinte “pisa” solo asiático e percorre a Oceania, e nas que a esta sucedem virá a visitar o continente americano.

¹ Carta de Maria Lúcia de Jesus, r. S. D., para D. José Alves Correia da Silva, datada de Tui, de 5 de Dezembro de 1937, p. 2-4 (Arquivo Episcopal de Leiria. Dossiê Fátima, B1-46, 1937.12.05. doc. 2585.1).

Muitas outras viagens foram realizadas, a pedido dos bispos de todo o mundo, tendo algumas delas ficado muito célebres, como aconteceu com “Il Pellegrinaggio delle Meraviglie” (“A Peregrinação das Maravilhas”) que, na Itália de 1959, ecoou, inclusivamente, na cátedra de Pedro, pela voz de João XXIII.

Esta imagem peregrina é, assim, um dos mais importantes tópicos de Fátima e, por extensão de sentido, do mundo católico contemporâneo que teve fortes oposições ao longo do século XX. Neste sentido, as viagens da Virgem de Fátima podem considerar-se como uma das estratégias pastorais mais eficientes para a difusão do catolicismo, em especial, da sua componente mariana.

Os testemunhos escritos, que aguardam ainda a atenção da comunidade de investigadores, são, claramente, material que possibilitará uma abordagem antropológica e sociológica da fé católica em períodos históricos de conjunturas político-ideológicas vincadamente importantes, como são o Pós-Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, os movimentos pacifistas, os conflitos coloniais, o capitalismo global, as novas paisagens internacionais, as mudanças eclesiais na senda do II Concílio do Vaticano, a vertiginosa importância dos ‘Media’, etc.

No ano 2000, a consciência de que esta peça adquirira muitos valores a somar aos que, de origem, já continha, levou o Santuário de Fátima a decidir que a escultura não deveria sair de forma habitual. Por essa altura, já havia passado pela Argentina de Jorge Bergoglio, o que levou a que o Papa Francisco, na primeira das suas intervenções dominicais, se referisse à importância desta imagem no contexto da misericórdia.

A Virgem Peregrina, de facto, alargou a geografia de Fátima e, poderemos dizer-lo, alargou a geografia católica. Se a geografia de Fátima é, por conseguinte, um tópico impressionante acerca da importância do catolicismo contemporâneo, entre outros aspetos igualmente importantes, deve-o também a essa estratégia pastoral (vincadamente impulsionada por José Alves Correia da Silva, Maria Teresa Pereira da Cunha, Maria Teresa Villas Boas, Franz Demoutiez, João Pereira Venâncio, Luís Kondor, os responsáveis pelo, à época, Exército Azul, entre outros). E, assim, se liga o fenómeno cristão do século XX/XXI ao que foi vivido pelos padres antigos da primeira era cristã. As palavras atribuídas a Cirilo de Alexandria, pronunciadas no Concílio de Éfeso, em 431, ganham neste contexto pleno sentido, aplicadas ao complexo mundo contemporâneo, firmado nos esteios do pensamento ateuista:

«Graças a ti, o mundo inteiro, cativo da idolatria, chegou ao conhecimento da verdade, o santo Batismo é dado, com o “óleo da alegria” (Sl 45,8), àqueles que acreditam, foram fundadas igrejas em todo o mundo, as nações pagãs foram levadas à conversão».

Depois da peregrinação que, em 2015 e em 2016, efetua ao Portugal monástico e ao Portugal diocesano, a Imagem Peregrina da Virgem de Fátima chega agora a uma nova etapa da sua biografia, ao ser colocada na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. O seu novo contexto visual não será desprovido de valia simbólica e de leituras teológicas que, de novo, farão levantar a pergunta sobre a mulher que nela se representa:

«Quem é essa que desponta como a aurora,
bela como a Lua,
fulgurante como o Sol,
terrível como as coisas grandiosas?».

A voz do crente responderá: é aquela que, vestida de túnica branca, com um fiinho dourado na orla do seu manto, está... de pé... junto à Cruz de Jesus.